

# A BATALHA

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.642

Quinta-feira, 3 de Abril de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Cajalça do Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de Impressão—Rua da Atalaya, 114 e 113

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Patrocínio da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho

A CÉDULA PESSOAL É UMA GRILHETA QUE SE QUERE IMPOR AOS HOMENS LIVRES. É DEVER DESTES REPUDIÁ-LA ALTIVAMENTE

## A CÉDULA PESSOAL

Os trabalhadores não devem consentir o seu estabelecimento

No momento em que a Humanidade procura libertar-se de todas as cadeias que a tiranizam, a ansia de atingir um maior grau de perfeição, surgem criadoras que se agarram a preconceitos caducos, como se ainda vivêssemos em pleno feudalismo, e pretendem espinhar os trabalhadores no intuito de os manter no jugo da servidão.

Assim, não olham a meios a que em prática no desejo ardente de assegurar a sua preponderância, bastante combalida com os consecutivos e cortiosos ataques que tem sido dirigidos pelos soldados da Liberdade à torre de marfim em que se acotiam, através dos tempos e em sangrentas lutas.

Estão enganados os que julgam viver numa época em que eram possíveis todas as tiranias. Os dias de hoje são diferentes daqueles em que uma casta predominava sobre os restantes seres que se sujeitavam ao chicote do senhor.

Hoje é bem clara a ansia de liberdade e a caminhada para um futuro pleno de perfeição vai-se fazendo a passos lentos embora, mas seguros. Tudo que represente obstáculo é obstáculo que tem de ser arreado da senda do progresso.

Há anos um governo lembrou-se de impor aos trabalhadores uma caderneta, que seria uma espécie de cadastro por onde os detentores de toda a energia produtiva se notariam para aceitar ou não os produtores que lhes fossem oferecidos o braço para o trabalho. Qualquer falta, a mais insignificante, ali seria monicordo. Se o trabalhador contava com seu activo algumas prisões não facto de não concordar com as iniquidades da plutocracia; se fosse conhecido como operário consciente e como tal um lutador contra os inimigos da liberdade; se tivesse a ousadia de se manifestar contra um patrão porque era tirano,—tudo isso figuraria na caderneta. E assim, o trabalhador que cumpria com os seus deveres na labuta diária da fábrica ou da oficina, mas que também sabia pensar—porque tinha um cérebro—e se revoltava contra as tiranias dos exploradores, não seria admitido a exercer a sua actividade na profissão que lhe fosse dada.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

Na sua reunião de ontem a comissão executiva do Núcleo de Juventude Socialista de Lisboa resolveu opor o seu energico protesto contra a efectivação da ameaça da imposição da famigerada cédula, exortando todos os jovens trabalhadores a repudiarem altivamente tal infamante coleiça.

## O TIPO ÚNICO DE PÃO

Vai constituir uma ratoeira para o povo e uma estrondosa vitória para a Moagem

QUE OS CONSUMIDORES SE PREPAREM PARA COMBATER UMA NOVA EXTORSÃO

O governo, por iniciativa do ministro da Agricultura ou, melhor dizendo, do sr. Joaquim Ribeiro por sua expositiva e perentória iniciativa, vai metter no produto mais necessário da alimentação popular. Por ser o sr. Joaquim Ribeiro quem mais escandalosamente favoreceu a Moagem e, ainda por não se tocar na questão do pão sem a agravar, uma nova e gravíssima ameaça para sobre os consumidores.

Não tardará muitos dias, sem que ela se efectue. Os consumidores, devem preparar-se para a quasi inevitável possibilidade de uma nova extorsão. A primeira vista parecerá que o sr. Joaquim Ribeiro, vem ao encontro das aspirações populares, com uma boa vontade de as atender. Ele promete o tipo único de pão e nós interpretando o sentir da população que trabalha também o reclamamos. Contudo, não nos deixamos enganar de ilusões perigosas. E uma dessas ilusões seria acreditar que o tipo único a vir, redundaria num beneficio para os consumidores.

É licito e é prudente pôr em dúvida tal aconteça. Suspeitamos e, bem fundadas são as razões da nossa desconfiança que o tipo único, em vez de representar um beneficio seja prejuizo.

Tem todo o aspecto duma vantagem e, naturalmente, não passa duma ratoeira. Com o sr. Joaquim Ribeiro, o tipo único de pão deve ser, simultaneamente, uma fraude e um roubo. Fraude porque será mal fabricado e conterá impurezas e porcas nocivas à saúde, tornando-se um veneno em vez de um alimento; roubo porque será posto à venda por um preço superior ao que hoje se está vendendo.

Brincar com o preço e qualidade do pão equivale a brincar com a vida do povo. A brincadeira é perigosa e pode dar tristes resultados. Que não o esqueça o actual governo, este governo impopular e odioso!

A habilidade é conhecida. O tipo único de pão surge, de entrada, com um aumento sobre o preço que anteriormente era vendido. Surge caro e surge intragável. Começam os protestos que se vão avolumando diariamente, pois também diariamente a qualidade do tipo único piorará. O tipo único de pão tornado num tipo único de veneno depressa provoca a irritação popular.

Está realizado o golpe! O ministro considera que esses protestos são justos e afirma que o tipo único não deu resultado. Tem de ser posto de parte. E o tipo único desaparece para se cair, novamente, no regime dos dois ou três tipos de pão. Essa mudança representa uma nova e dupla burla.

É o pão piorando mais, vendendo-se

um preço superior ao tipo único revogado.

Quando reclamamos o tipo único entendemos porisso que todos os estômagos são iguais e, portanto, para todos, deve ser igual o pão. Pedimos um tipo único mas, com a condição, de que seja implantado de maneira a que, pela sua qualidade e pelo seu preço, consista num beneficio para os consumidores.

Ora esse gesto de recitidão não pode partir dum ministro que arranca há anos milhares de contos à população para os meter nos cofres da Moagem.

Não pode partir dum ministro que é um grande ladrador que tem auxiliado escandalosamente os lavradores, não pode partir dum ministro que pertence à famosa Federação dos Sindicatos Agrícolas.

Dê-lo há a esperar a famosa cegarraga dos três tipos de pão para o tipo único, com o objectivo de elevar o preço desse imprescindível produto alimentar; e do tipo único voltar-se aos três tipos para se praticar um novo aumento que será inevitavelmente um novo roubo.

Não é pois uma afirmação gratuita dizer que o sr. Joaquim Ribeiro vem defraudar as bolsas dos consumidores, com ar de quem está disposto a beneficiar-las. Seria de elemental prudência, que os consumidores se preparem para resistir ao ataque do sr. Joaquim Ribeiro e a inutilizar uma próxima e grande vitória da Moagem.

Está realizado o golpe! O ministro considera que esses protestos são justos e afirma que o tipo único não deu resultado. Tem de ser posto de parte. E o tipo único desaparece para se cair, novamente, no regime dos dois ou três tipos de pão. Essa mudança representa uma nova e dupla burla.

É o pão piorando mais, vendendo-se

um preço superior ao tipo único revogado.

Quando reclamamos o tipo único entendemos porisso que todos os estômagos são iguais e, portanto, para todos, deve ser igual o pão. Pedimos um tipo único mas, com a condição, de que seja implantado de maneira a que, pela sua qualidade e pelo seu preço, consista num beneficio para os consumidores.

Ora esse gesto de recitidão não pode partir dum ministro que arranca há anos milhares de contos à população para os meter nos cofres da Moagem.

Não pode partir dum ministro que é um grande ladrador que tem auxiliado escandalosamente os lavradores, não pode partir dum ministro que pertence à famosa Federação dos Sindicatos Agrícolas.

Dê-lo há a esperar a famosa cegarraga dos três tipos de pão para o tipo único, com o objectivo de elevar o preço desse imprescindível produto alimentar; e do tipo único voltar-se aos três tipos para se praticar um novo aumento que será inevitavelmente um novo roubo.

Não é pois uma afirmação gratuita dizer que o sr. Joaquim Ribeiro vem defraudar as bolsas dos consumidores, com ar de quem está disposto a beneficiar-las. Seria de elemental prudência, que os consumidores se preparem para resistir ao ataque do sr. Joaquim Ribeiro e a inutilizar uma próxima e grande vitória da Moagem.

Está realizado o golpe! O ministro considera que esses protestos são justos e afirma que o tipo único não deu resultado. Tem de ser posto de parte. E o tipo único desaparece para se cair, novamente, no regime dos dois ou três tipos de pão. Essa mudança representa uma nova e dupla burla.

É o pão piorando mais, vendendo-se

um preço superior ao tipo único revogado.

Quando reclamamos o tipo único entendemos porisso que todos os estômagos são iguais e, portanto, para todos, deve ser igual o pão. Pedimos um tipo único mas, com a condição, de que seja implantado de maneira a que, pela sua qualidade e pelo seu preço, consista num beneficio para os consumidores.

Ora esse gesto de recitidão não pode partir dum ministro que arranca há anos milhares de contos à população para os meter nos cofres da Moagem.

Não pode partir dum ministro que é um grande ladrador que tem auxiliado escandalosamente os lavradores, não pode partir dum ministro que pertence à famosa Federação dos Sindicatos Agrícolas.

Dê-lo há a esperar a famosa cegarraga dos três tipos de pão para o tipo único, com o objectivo de elevar o preço desse imprescindível produto alimentar; e do tipo único voltar-se aos três tipos para se praticar um novo aumento que será inevitavelmente um novo roubo.

Não é pois uma afirmação gratuita dizer que o sr. Joaquim Ribeiro vem defraudar as bolsas dos consumidores, com ar de quem está disposto a beneficiar-las. Seria de elemental prudência, que os consumidores se preparem para resistir ao ataque do sr. Joaquim Ribeiro e a inutilizar uma próxima e grande vitória da Moagem.

Está realizado o golpe! O ministro considera que esses protestos são justos e afirma que o tipo único não deu resultado. Tem de ser posto de parte. E o tipo único desaparece para se cair, novamente, no regime dos dois ou três tipos de pão. Essa mudança representa uma nova e dupla burla.

É o pão piorando mais, vendendo-se

um preço superior ao tipo único revogado.

Quando reclamamos o tipo único entendemos porisso que todos os estômagos são iguais e, portanto, para todos, deve ser igual o pão. Pedimos um tipo único mas, com a condição, de que seja implantado de maneira a que, pela sua qualidade e pelo seu preço, consista num beneficio para os consumidores.

Ora esse gesto de recitidão não pode partir dum ministro que arranca há anos milhares de contos à população para os meter nos cofres da Moagem.

Não pode partir dum ministro que é um grande ladrador que tem auxiliado escandalosamente os lavradores, não pode partir dum ministro que pertence à famosa Federação dos Sindicatos Agrícolas.

Dê-lo há a esperar a famosa cegarraga dos três tipos de pão para o tipo único, com o objectivo de elevar o preço desse imprescindível produto alimentar; e do tipo único voltar-se aos três tipos para se praticar um novo aumento que será inevitavelmente um novo roubo.

Não é pois uma afirmação gratuita dizer que o sr. Joaquim Ribeiro vem defraudar as bolsas dos consumidores, com ar de quem está disposto a beneficiar-las. Seria de elemental prudência, que os consumidores se preparem para resistir ao ataque do sr. Joaquim Ribeiro e a inutilizar uma próxima e grande vitória da Moagem.

Está realizado o golpe! O ministro considera que esses protestos são justos e afirma que o tipo único não deu resultado. Tem de ser posto de parte. E o tipo único desaparece para se cair, novamente, no regime dos dois ou três tipos de pão. Essa mudança representa uma nova e dupla burla.

## Dos Livros e dos Autores

«Viagens na Espanha», por Anselmo de Andrade  
«O Padeiro do Madrigal», peça de Augusto de Lacerda—Versos, diversas novelas—uma nova «Revista Literária»

Este livro «Viagens na Espanha» que o sr. Anselmo de Andrade escreveu e que, felizmente, já vai na 3.ª edição, é, sem o menor exagero, uma obra que, ao género, se pode considerar modelar. Como o nome o indica, trata de viagens e resume as impressões colhidas pelo seu autor no país vizinho, impressões que ele nos comunica com tal fidelidade, com um poder de visão tão seguro e tal construção de frase, que apesar dessas 350 páginas haverem sido escritas há mais de vinte anos, ainda as preferimos, como guia, como ensinamento e delecte de espírito a outras muito mais modernas.

Entrando na Espanha pela antiga região da Mancha, permanecendo em Madrid, atravessando a Galiza e depois as Vascongadas, percorrendo as acidades do Mediterrâneo, o autor vai-nos dando sempre dos mais belos quadros de paisagem e ao mesmo tempo procura delectar-nos a vista, vai-nos falando da história, da lenda, inventariando costumes e tipos desde os extintos saltadores dos extensos baldios da velha Castela, até aos frades e inquisidores do Escriptural e típicos fidalgos de Navarra, dos moiros de Alhambra e Granada, e dos toureiros e ciganos de Sevilha.

As ruínas, os monumentos, as catedrais, são pretextos para lições de arte, mas lições donde o leitor volta sabendo mais do que sabia antes de folhear essas páginas de sólida literatura.

Tudo bom neste livro útil, mas a destacar: aquelas crónicas sobre o «Escriptural» onde, a tintas negras, passa o tenebroso perfil de Filipe II; uma outra sobre Avila, em que trata magistralmente da vida da mística-sensual de Santa Tereza de Jesus, e o precioso estudo acerca de Sevilha, mormente na parte respeitante aos ciganos.

Em suma, um belo livro que muito honra a Colmbra Editores, Lda., que foi quem o tirou do esquecimento em que jazia.

«O Padeiro do Madrigal», peça em 5 actos que o sr. Augusto de Lacerda escreveu, já tem a crítica feita e sempre direi que esta foi boa, foi acertada. Assenta o enredo naquela versão que dá um padeiro espanhol, imensamente parecido com D. Sebastião, com o pretendo passar por este e reconquistar o trono, a instâncias dum velho frade português.

Há um episódio de amor entre o falso rei e uma bastarda da casa de Austria que se apaixona por ele, supondo-o de

putentico sangue real, vindo a fazer a terminar em tragédia porque o audacioso embusteiro vem a acabar na forca. Melhor do que eu, sabe o sr. Augusto de Lacerda, que a época não se conforma muito com teatro histórico, mas o autor quiz provar que todo o teatro se vê com agrado, desde que seja conduzido com inteligência, e provou-o cabalmente, dando-nos nessa peça páginas que autenticam o seu merecimento como homem de letras e de teatro.

A edição, de Ferreira & Franco, Lda., é bem cuidada.

Recebemos um pequenito livro «Trovoeiro do amor e da saúde», quadras soltas do sr. Carlos Conde. Tem alguns versos bons, especialmente naquelas quadras simples, que quanto menos pretenciosas, mais lindas são.

Neste género de poesia há dois mestres, cujo bom gosto veio aliado à delicadeza simples—dois mestres que os poetas jovens devem ter presentes, João de Deus e Augusto Gil.

«O João da Bailão» é um pequeno trabalho literário que Andrade Gomes escreveu para «A grande novela».

É a primeira vez que ouvimos este nome nas letras, mas quem quer que seja mostra tendência para o género e um certo poder de observação. Embora a forma literária pudesse ser traçada com mais brilho, deve mencionar-se a delicadeza, a simplicidade com que o remate é vibrada a grande nota emocional.

Além destes trabalhos recebemos mais: «A última bomba», do sr. Pedro Brava; um ligeiro estudo do sr. G. Ferreira, sobre «Socialismo patriota», e «A explosão», drama-cinematográfico do sr. Duarte Cravinho.

Para final guardamos referência à «Revista Literária» que César de Frias acaba de lançar, para distribuição gratuita, e que se destina a auxiliar a expansão do livro escrito em língua portuguesa.

Além de boa colaboração literária de diversos escritores, de impressões sobre a obra e movimento literário, traz um curioso registo bibliográfico do último mês na Biblioteca Nacional.

É uma simpática iniciativa, bastante útil e que vinca o belo e inteligente espírito que, tam desinteressadamente, se vem ocupando de questões literárias.

Juliano QUINTINHA

## As Escolas Primárias Superiores e a sua extinção

Começamos este artigo, pedindo licença ao nobilíssimo titular da pasta da instrução para chamarmos a sua escaleta a atenção para a parte que se refere a sindicâncias, o fim de se desfazer qualquer dúvida que possa afectar a vida moral da escola, por onde elas vão correndo.

No desempenho do melindroso cargo de pedagogo, seja qual for a sua categoria, há duas missões diferentes a cumprir — a da instrução, e a da educação — concorrendo ambas para o mesmo fim — formar o carácter do educando, em harmonia com a aspiração social.

Aosso vê, a missão educativa deve merecer maiores cuidados ao professor, e é principalmente por meio do conselho salutar, acompanhado do exemplo, que ele atingirá o fim que se propoz.

Ninguém poderá negar, porque a «história universal da educação» o comprova a cada passo, que se o educador for um mau carácter, o educando terá adquirido as peggimas qualidades, do mestre, ou ter-se há desviado dele, ficando com a educação incompleta, embora tenha completado a sua instrução.

O professor poderá possuir bastos conhecimentos, ensinar muito, mas educar pouco e mal.

Quando, porém, ele ensina pouco e educa mal, teremos uma classe completamente demoralizada!

E, como infelizmente não se fez uma selecção rigorosa na escolha dos cidadãos que foram nomeados, professores das escolas primárias superiores, alguns d'elles não tem competência profissional, muito menos moral para o desempenho desse cargo.

Conferiram-se diplomas de habilitação, publicados no Diário do Governo, a alguns desses cidadãos, sem que se atendessem aos seus títulos de «capacidade científica e moral».

no período da adolescência, o mais melindroso da mocidade. Não há dúvida de que assim é.

Mas por esta triste circunstância, e por outras equivalentes, há de fechar-se as escolas, que tam precisas se tornam aos filhos dos que não são novos nem velhos ricos?

Pois se élas são os únicos institutos onde élas podem adquirir gratuitamente o complemento necessário aos conhecimentos de instrução e educação que trouxeram da escola primária de ensino geral, havemos de consentir que as extinguam?

De forma alguma, senhor ministro da Instrução. Eas não devem ser extintas. V. ex.ª que é um dos mais bravos superiores, não poderá concordar com tal medida, lavrada por decreto do seu antecessor, porque v. ex.ª sabe perfeitamente que embora em dois ou três regimentos (e não se diz em quartéis para se levar mais longe a comparação) se praticassem irregularidades por parte de dois ou três officiaes, não se deveria decretar o extermínio do exército.

Destituam-se, ou castigam-se esses officiaes, em harmonia com o seu delicto, mas não se derrua a instituição.

Pois bem as Escolas Primárias Superiores não devem ser desmoralizadas, pelo facto de nelas não terem cumprido rigorosamente esses «pseudoprofessores». Devem ficar firmes, e sem escoras.

Decrete-se a anulação do decreto que as extinguiu; encorajem-se deas, se os houver, os vendedores que nelas mercaderem; faça-se uma distribuição rigorosa dos professores pelos vários grupos; torne-se gratuita a matrícula para os alunos pobres, ou para aqueles que, embora possam pagá-la, declarem que desejam o curso para entrar em escolas normais ou industriais-comerciaes; estabeleça-se a matrícula na importância de X para os que não estejam nas condições anteriores equiparadas ao do curso diadico, concluido nelas, ao do 3.º ano dos liceus, modificando-se o programa, e está o mal curado pela raiz, sem que seja preciso que a «fouca da Sarna Nova» as corte por elas.

E como medida de alto valor demográfico, criem-se tantas mais quantos os centros de população, onde elas sejam precisas.

### CRONICA PARA LAMENTAR

## NO CIRCO DE SÃO BENTO

Faz-se a leitura do capítulo MCMXXIV da parte MI do grande romance de aventuras bíblicas, intitulado «História de Eles», escrito pelo autor destas linhas na casa dos Alvares

Som as quinze horas no relógio da velha sala das Horas Perdidas. O silêncio é de ouro, porque as gargantas de prata dos paladores excelsos há muito interromperam seus gorgeios.

Apenas a voz baixocolorada do inextinguível secretário, nos quais os leitores terão já adivinhado o perpetuo Baltazar, atravessa a limpa atmosfera do vasto hemiciclo, chamado pelos anjos da guarda duma pátria perdida.

Subitaneamente, ouve-se o fragor metálico duma trombeta. Um dragão atravessa o circo, num passo forte e saucido — e a tragédia sobe ao ar, evolue-se através da cúpula e foi encarecer o amarelado do sol que retilhava o azul do céu. E na transmutação espiritual, o dragão sacerdotizou-se, o sacerdote deputadizou-se, o deputado Tavarezizou-se, e o Tavares bolchevizou-se.

— Anjos da guarda — clamou — sabidos da pátria perdida na orgia de Bizancio financeira. Escutai-me, Olhai o torvo egoísmo da sociedade do meu país e da sociedade de Lisboa, para sempre depravada pelos últimos tempos que baixaram as casas até aos escombros, deixando tantos inocentes sem lar, justiça, senhores da dita justiça! E que os homens bons do Estado alojem as vítimas à custa do Estado, porque o Estado é o pai de nós todos!

Os corações da grande família estavam oprimidos; oprimidos estavam também as almas dos anjos guardiões duma pátria sem lar. E Tavares bolchevizou a vida!

— Olhai a grande iniquidade da sociedade que tanto fere a humanidade! Olhai e vede... Se fez uma subscrição no Trindade pré-artista francesa que não conheço e rendeu ela sete contos e picos. Se correu um bando precatório pró-vitimas dos desastamentos e os do bando só sacaram três contos e tal. Olhai a desigualdade social!

E os anjos da guarda riscaram fôsforos, olharam a cúpula e viram o céu. Tavares, agora, bolchevizou: — Olhai a maravilha dos nossos dias. Baixaram os preços dos géneros sem ninguém dar pela coisa. Vede a subtilidade da minha cruzada santa. Irmãos da vida baixa...

Neste momento, aproximou-se um outro personagem que era parecido com o imperador Nero, e se chamava Carlos Pereira. E imperativo, quiz imperador dos Algarves ou rei mouro da Anadia, senhor do Alcaide, bradou: — Defendi as costas dum ousado pirata, snjos da guarda, que está tudo perdido.

Assistando um óculo de grande alcance, desses que o afortunado Saccadura e o desembarcado Gago usaram para avistarem lá do hidró, os rochinhos praticas pelas repartições dos correios que em todas as cartas inutilizam os selos com o carimbo com os seguintes imperativos dizeres: «votai na lista nacional».

O Estado é Mussolini e correios porque dependem do Estado, não são do público são também—de Mussolini. O eleito, a bem dizer, é na sua maioria também de Mussolini.

dos de Pedro e Paulo, se virou para os lados de Braga e deunciou: — Ai o tendes sobre as saiasas ondas O paquete de luxo, da Fabre Line, as passagens custaram ouro. Lá vem, lá vem sobre a tóida, o governador de Angra do Heroísmo, que o príncipe Alvaro chamou à capital, sem se saber porque fortes razões do Estado e do Estômago.

E todos os anjos da guarda desta pátria sem lar olharam as paredes para verem o mar, o navio e o governador. Do alto da cúpula se desprende Adolfo Coutinho, que perora: — Caros camaradas do angelizado: proponho que se autorizem as câmaras municipais a darem os terrenos para que se ergam, pelos séculos dos séculos, os Bairros Sociais.

E dois anjos mais, um de nome Cruz, outro chamado Morais, que nos nomes desmentem a irmandade dos anjos. Corças, ripostam a sua inveja—tremendíssimo pecado mortal incurso na Bíblia.

— Isso agora... É melhor que se espere pelo príncipe Alvaro, que Deus guarde nas profundas do inverno. Mas não se espera pelo príncipe Alvaro e tudo se resolve bem.

Três viúvas vêm caminhando, requestadas por alguns anjos, que pedem para elas as pensões. As viúvas são belas como a maçã de Eva e os anjos da guarda ardentes como Adão, que também foi republicano histórico; porisso, a divergência desabalou em mimos de tabefe, que o despeito é grande quando a pátria está falida.

E assim o anjo Morais, que, por sinal, é um arcanjo de Carvalho, clama que dão vez razão de espécie alguma em pagar aquelas mulheres, porque uma é viúva há 16 anos—e se é mulher de rija tempera, como alma antiga de portugalidade de lei, essa Zefa de Oliveira teve já tempo de enviar segunda vez, porque um homem não é de ferro, As outras...

As outras... foi quando o sr. presidente chamou os anjos da guarda à ordem do dia. Outra vez, o silêncio é de dem do dia. Outra vez, os garganturos, porque emudeceram as gargantas de prata. E a batalha pelas viúvas fica adiada sine-hora.

Sente-se um leve voojar... É a alma do dr. Nilo Pessanha, brasileiro ilustre, que vem passando; alto está, alto mora, ninguém o viu e todos o adoram. Jaime de Sousa, almirante português, navega pelos mares nublados da labia dos tartufos. Evoca, em sentimento, a grande figura do país brasileiro, o grande amigo do país português.

Chora Hernando a saúde de Nilo, que não é rio mas Pessanha, que não governou as areias do Egito esfingico mas conheceu o sertão do Brasil macaueiro. E diz que foi um estadista, para lamentar, etc.

Mais três anjos afinam o diapásio e o sentimento fica transcrito na acta, para que a posteridade saiba que ainda há homens em Portugal, se bem que o Afonso esteja em Paris e no Alcaide o Cunha Leal.

Chorador o fadinho brasileiro, a formosa companhia entoa a heroica canção do selo, que fez adormecer, sob a sugestiva monotonia, a imaginação do laoso escritor. no occaso deste capítulo,

## O ministro da Guerra

autor duma iniquidade contra os marítimos

Este governo tem-se tornado particularmente odioso pela série de medidas coercitivas de que tem lançado mão para arranjar receitas que permitam a continuação dos criminosos esbanjamentos que se praticam no Estado.

Como as forças vivas se mostram irreductíveis em arrecadar os seus fabulosos lucros sem destinar ao Estado as importâncias que este necessita, não só para os seus esbanjamentos, como para se dotar da capacidade de agressão necessária para manter as vítimas submetidas por meio do terror dos tribunais e da força armada, o governo difficulta a vida dos trabalhadores por meio de medidas iníquas.

Actualmente, as classes marítimas debatem-se numa enorme crise, havendo marítimos que estão há 8 e mais meses sem trabalho. Não se incomodou o governo em procurar, por qualquer forma viável, a crise em que aquela se debate, por culpa da péssima administração dos T. M. E., e dos barcos se encontram apodrecendo no Tejo.

Mas, o governo não se ficou no desinteressado pelas agruras que os marítimos estão passando. Passou do desinteresse à hostilidade.

O ministro da Guerra, apresentou ao parlamento, um projecto, segundo o qual os marítimos que se ausentarem para o estrangeiro passarão a depositar a caução de 1.500 escudos em vez dos 150 escudos que anteriormente depositavam.

Trata-se duma grande iniquidade que vai causar grandes transtornos e insuperáveis difficuldades aos marítimos, que podem ir ao ponto de impedirem de embarcar, visto estes, minguados de recursos e crivados de difficuldades derivantes dos seus salários e da crise de trabalho, não poderem dispor duma quantia tam elevada.

Este número do programa de guerra do governo às classes trabalhadoras, tem de ser abolido, tam odioso e iniquo éle.

A sua abolição impõe-se pois não há o direito de cercar, desta forma, aos marítimos, o exercicio da sua profissão, pois só dela vivem.

## Os assambarcadores

Um merceiro condenado por sonegar 600 quilos de batatas

</